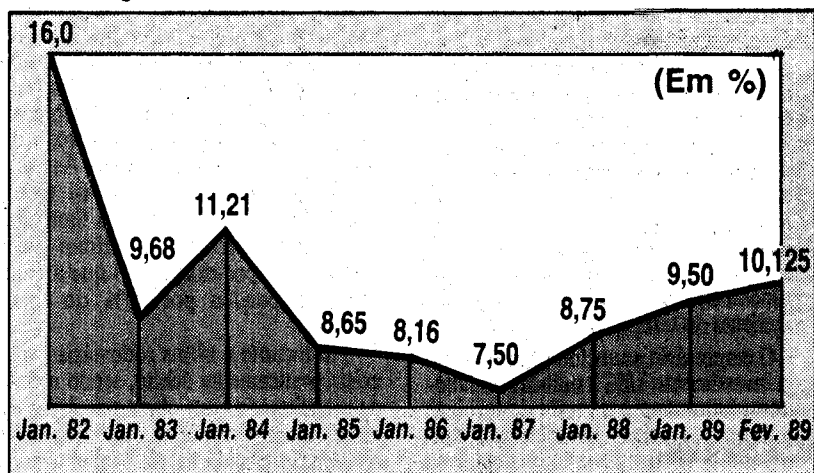


Oscilação da taxa da Libor



Alta dos juros aumenta os encargos da dívida

WASHINGTON — As crescentes dificuldades que o Brasil vinha enfrentando em sua frente financeira externa agravaram-se ainda mais nos últimos dias com o aumento das taxas de juros nos países em desenvolvimento e as perspectivas de que essa tendência altista irá continuar. Como se não bastassem os problemas de relacionamento com o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e credores comerciais, o Brasil terá de desembolsar este ano muito mais do que previa para ficar em dia com os serviços da dívida.

Em apenas um mês, a taxa de juros do mercado londrino, *libor*, que é aplicada sobre quase toda a dívida externa brasileira subiu de 9% para pouco mais de 10%. Cada ponto percentual a mais significa um acréscimo anual de cerca de US\$ 700 milhões no total de juros que o país tem de enviar aos credores estrangeiros. Depois de ter chegado a 16% em 1982, quando estourou a crise da dívida externa do Terceiro Mundo, a *libor* começou a cair até menos de 7% em 87, quando voltou a subir lentamente. O que houve nas últimas semanas foi a aceleração dessa tendência altista, que alguns analistas pensam ser só um começo.

Os bancos centrais dos principais países desenvolvidos estão empurrando as taxas de juros para cima, através de uma política monetária que se destina a interromper o aumento da inflação. Nos Estados Unidos, em janeiro, os índices de inflação deram um salto (1% nos preços do atacado e 0,6% nos preços ao consumidor). O Federal Reserve Board (Banco Central americano) viu nesse salto evidência suficiente de que a pressão inflacionária precisa ser interrompida já.

Temor — A Casa Branca teme que esse remédio leve à recessão e pediu ao Fed para não adotar um choque monetário. Nos Estados Unidos, porém, o Banco Central é autônomo. Por isso, a diretoria do Fed não ligou para o pedido

de Bush e aprovou, ontem, por seis votos a um outra medida de aperto monetário: o aumento de sua taxa de desconto de 6,5% para 7%.

Essa taxa tem reflexos imediatos no mercado financeiro em geral e foi reajustada um dia depois de vários bancos do país terem aumentado de novo suas taxas de juros. Quando a diretoria do Federal Reserve votava ontem a maioria dos bancos americanos ainda estava alterando em seus computadores a taxa básica de juros, a *prime rate*, que saltou de 11% para 11,5% — o segundo aumento em duas semanas.

Todo esse aperto na oferta de dinheiro no mercado americano poderá colocar o país à beira de um período de recessão e complica tremendamente a situação do presidente George Bush, que prometeu equilibrar o orçamento sem aumentar impostos. Com esses aumentos nos juros, o cumprimento dessa promessa vai ficando cada vez mais difícil e a proposta de orçamento que está no congresso terá de ser recalculada, pois do jeito em que está só aumentaria o déficit público.

Mas os aumentos das taxas de juros no mercado americano, que vão se tornando cada vez mais frequentes, se refletem em outros países ricos, principalmente na França, Alemanha e Inglaterra, onde as autoridades monetárias também estão preocupadas com o ressurgimento da inflação e passaram a forçar os juros para cima.

Essa tendência está preocupando bastante as autoridades brasileiras. Uma escalada dos juros joga por água a baixo alguns dos principais ganhos do Brasil na última rodada de negociações com os banqueiros comerciais. O país tinha conseguido baixar o *spread* para 0,125%, depois de ter pago até 2% nos piores momentos, mas nas últimas semanas essa vantagem desapareceu, devido ao aumento da *libor*. (R.C.A.)